

## A IMPLEMENTAÇÃO DO VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EVIDÊNCIAS DA LÍNGUA ESCRITA<sup>1</sup>

ON THE IMPLEMENTATION OF VOCÊ IN BRAZILIAN PORTUGUESE:  
EVIDENCES FROM WRITTEN LANGUAGE

Márcia Cristina de Brito Rumeu | CNPq | [Lattes](#) | [marcia.rumeu@gmail.com](mailto:marcia.rumeu@gmail.com)  
Universidade Federal de Minas Gerais

Dinah Maria Isensee Callou | CNPq | [Lattes](#) | [dcallou@gmail.com](mailto:dcallou@gmail.com)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este artigo focaliza a variação *tu* / *você* em tempo real de média duração (séculos XIX e XX). A proposta é realizar um estudo de painel, na linha laboviana, com base na produção epistolar de duas missivistas cariocas ao longo de suas vidas: juventude, adulez e velhice. Como já apontado por vários autores, o uso de fontes manuscritas, tais como cartas pessoais, desempenha um papel importante na pesquisa sócio-histórica. O objetivo é apontar como e quando teria ocorrido a inserção do *você* – em sua origem, uma forma de tratamento – no sistema pronominal do português brasileiro, vindo a substituir o *tu* como sujeito de 2SG. A hipótese inicial reside no fato de que a implementação de *você* teria uma correlação com o uso de *usted*, forma resultante de um processo de gramaticalização que se deu mais cedo no espanhol americano do que em português. As generalizações a que podemos chegar são as de que o processo de implementação do *você*, a julgar pelos dados analisados, se estendeu por, no mínimo, um século; (ii) o uso do *você* se mostrou quase categórico no final da década de 40 do século XX; e (iii) as duas missivistas encaminham-se em uma mesma direção quanto à implementação da forma pronominal *você*, embora apresentem distintos padrões de uso, explicáveis, talvez, pelo fato de uma delas ter exercido sua vida religiosa sempre no Brasil (MJ), em redes sociais densas, e a outra (MR), em geral, em outros países, em redes sociais difusas.

**Palavras-chave:** Pronomes pessoais; Variação e mudança; Formas de tratamento; Estudo de Painel. História do Português Brasileiro.

---

<sup>1</sup> Este trabalho teve origem em discussões sobre o tema durante o estágio de Pós-Doutoramento de Márcia Rumeu (UFMG-PNPD/CAPES), sob a supervisão de Dinah Callou (UFRJ-CNPq).

**Abstract:** This paper focuses on the variable use of *Tu* / *Você* (“*You*”) in real time (19th and 20th centuries). The proposal is to conduct a panel study (LABOV, 1994) in written language, by observing the linguistic path of two specific writers through their lifespan: youth, seniority and old age. As pointed out by many researchers, the use of handwritten text sources, such as private letters, play an important role in historical sociolinguistic investigation. The aim of this study is to show how and when the pronominal subject *você*, an address form in its origin, becomes equivalent to the 2nd pronoun *Tu* in Brazilian Portuguese. The starting hypothesis rests on the fact that implementation of *Você* in Brazilian Portuguese might reveal a correlation to the use of *Usted*, in South America Spanish, through a grammaticalization process that took place earlier in Spanish than in Portuguese. Based on written language, we come to the conclusion that (i) the implementation of *Você* extended over almost a century; (ii) the use is almost categorical by the end of the 1940s; and (iii) the two writers reveal similar behaviour however divergent patterns of use that, could be explained by one of the nuns’ having always lived in Brazil (MJ), in close knit social nets, and, the other (MR), in Spanish countries, in loose knit social nets.

**Keywords:** Personal pronouns; Variation and change; Address forms; Panel study; History of Brazilian Portuguese.

### **Considerações iniciais**

A atual realidade linguística do português brasileiro (doravante PB) evidencia a alternância entre as formas *tu* e *você* para o sujeito de segunda pessoa do singular (doravante 2SG). Muito já se tem discutido sobre o tema, comprovado em análises sociolinguísticas (SCHERRE *et al.*, 2009 [2015]); LOPES *et al.*, 2018), voltadas para o presente e para o passado, em relação à diversificação diatópica e sociointeracional. A variação *tu* / *você* parece ser condicionada por variáveis linguísticas e extralinguísticas e, além disso, ser resultante da fusão entre formas do paradigma de *tu* e do paradigma de *você*, que, por sua vez, atingiu o sistema pronominal do português através de um processo lento e gradual de gramaticalização – *vossa mercê* → *você* (FARACO, 1996; RUMEU, 2004, 2013; LOPES, 2009; MACHADO, 2006; LOPES, CAVALCANTE, 2011; dentre outros).

Neste artigo, pretendemos discutir os resultados de um estudo de painel (RUMEU, 2013) voltado para sincronias passadas (séculos XIX e XX), enfocando, especificamente, o comportamento linguístico de dois indivíduos do sexo feminino que, apesar de eviden-

ciarem a inserção do *você* em seus sistemas, divergem quanto ao ritmo de implementação. Esse panorama nos permite levantar a hipótese de tal distinção ser motivada pelas redes sociais (CONDE SILVESTRE, 2007; BERGS, 2012) das informantes, que se localizam em distintos espaços geográficos ao longo de suas vidas (uma, sempre no Brasil, e outra, em distintos países de língua espanhola: Córdoba, (Espanha), La Plata, Buenos Aires (Argentina) e Montevideu (Uruguai). Os resultados desse estudo, foco primordial desta análise, estão sedimentados em uma proposta metodológica de condução da pesquisa sobre a trajetória linguística de escreventes brasileiros (cariocas), pertencentes a uma mesma família, que trocaram cartas ao longo de fases das suas vidas: fase jovem, adulta e idosa. O ponto de partida do trabalho é o estudo da comunidade, a partir de uma amostra de missivas familiares, rigidamente controlada, em termos metodológicos, que evidenciou uma curva ascendente de implementação do *você* no sistema pronominal do PB. Para o estudo de painel, nos concentramos em duas cariocas, cujos comportamentos seriam, de algum modo, em princípio, condicionados pelas redes sociais em que interagem (CONDE SILVESTRE, 2007; BERGS, 2012), com consequências no ritmo distinto de implementação.

O texto está basicamente organizado em duas seções, antecedidas por considerações iniciais relativas à especificidade do fenômeno variável em questão (*tu / você*), além do objetivo e das hipóteses: (i) pressupostos teórico-metodológicos, tendo em vista os parâmetros da sociolinguística histórica (HERNÁNDEZ-CAMPOY, CONDE SILVESTRE, 2012), e apresentação das amostras de missivas familiares cariocas; (ii) discussão dos resultados gerais relativos à expressão variável das formas *tu / você*, não só em relação à comunidade, mas também ao indivíduo, em tempo real de média duração, dois séculos apenas (XIX e XX). Ao final, tentamos estabelecer generalizações sobre a possível influência das redes sociais em processos de mudança no sistema pronominal do PB.

## **1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E AS AMOSTRAS HISTÓRICAS**

### **1.1 Princípios da sociolinguística histórica**

Movidas pelos potenciais de variação e mudança linguística, as línguas humanas evidenciam uma heterogeneidade ordenada, no seu eixo estrutural e social (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968). No pressuposto de que a variação e a mudança linguística, detectadas na atual sincronia (SCHERRE *et al.*, 2009 [2015]), também se manifestam no passado – *the uniformitarian principle* (LABOV, 1994) –, é lícito concluir que não é tão fácil mensurar quanto o passado difere do presente. Nesse sentido, para o estudo das for-

mas pronominais de referência ao sujeito de 2SG no PB dos séculos XIX e XX, partimos de três subsistemas tratamentais (I. *tu*; II. *você*; III. *tu / você*), sumarizados por Lopes e Cavalcante (2011), derivados dos seis propostos por Scherre *et al.* (2009 [2015]).

Uma vez que assumimos o presente como ponto de partida para a discussão do quadro de variação entre os pronomes-sujeito de 2SG (LABOV, 1994), convém traduzir a máxima “arte de fazer o melhor uso de maus dados”. Acreditamos que os dados históricos não correspondem exatamente a “maus dados”, mas sim a dados linguísticos cujas especificidades, mistura dialetal, “erros” do escriba e hipercorreção exigem do linguista-pesquisador a organização de amostras rigorosamente selecionadas. Isso quer dizer que amostras históricas, mais especificamente amostras epistolares, classificadas em relação ao controle das categorias origem (nacionalidade e naturalidade), filiação, idade, gênero, nível de escolarização, permitem ao linguista-pesquisador a caracterização do perfil social do escrevente de sincronias passadas (RUMEU, 2013). Além disso, há que atentar para o grau de intimidade de cada escrevente com a língua escrita, a fim de caracterizá-los como letrados ou iletrados – em termos paleográficos, mãos hábeis ou mãos inábeis. Além de ter de reconstruir o perfil social do escrevente, faz-se necessário que o linguista-pesquisador também se preocupe não só com o contexto de produção da fonte histórica, mas também com o contexto histórico-social em que tal fonte está inserida, tendo em vista a possibilidade de a mudança poder estar socialmente encaixada – *embedding problem* (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968). Esse rigor de critérios justifica-se pelo fato de nos ser possível desvelar, através das fontes históricas disponíveis, tão somente os traços positivos remanescentes.

Análises sociolinguísticas voltadas para sincronias passadas passam pelo desenvolvimento de “[...] seus próprios objetivos, metodologias e teorias [...]” (BERGS, 2005, p. 21)<sup>2</sup>, porque as fontes históricas que resistem à força do tempo tendem a ser “[...] fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35)<sup>3</sup>. Isso significa entender que não se trata da mera transferência da metodologia variacionista laboviana às amostras de sincronias passadas, mas da construção de amostras históricas orientadas por rígidos critérios de organização dos textos – autoria, autenticidade e validade social e histórica (HERNÁNDEZ-CAMPOY,

---

<sup>2</sup> “Instead, historical sociolinguistics must be bold enough to loosen its ties with present-day sociolinguistics and traditional historical linguistics, and to develop its own methodologies, aims, and theories.” (BERGS, 2005, p. 21.)

<sup>3</sup> “En comparación con la diversidad, cantidad y autenticidad de los datos a disposición del investigador en sociolingüística sincrónica o en lingüística descriptiva, la información de que dispone quien intenta desarrollar su investigación en el ámbito de la lingüística o la sociolingüística histórica es fragmentaria, escasa y difícilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35.)

SCHILLING, 2012) – de modo a dar confiabilidade aos resultados das análises embasadas em tais fontes históricas.

Outro aspecto relevante vem a ser o de qual(is) gênero(s) e subgênero(s) textual(ais) seria(m) mais propício(s) à revelação do vernáculo do PB. Com base no modelo de Koch e Oesterreicher (1985, 1994 apud ELSPASS, 2012, p. 157), consideramos os gêneros textuais no continuum delineado entre os textos do imediatismo, como uma conversa íntima, e da distância, como um contrato público em termos legais<sup>4</sup>. Nesse sentido, entendemos que o gênero textual carta pessoal e os seus subgêneros, familiares, amorosas e de amizade, estejam mais próximos da língua do imediatismo, já que tendem a evidenciar traços linguísticos do vernáculo do PB por corresponderem a uma troca interpessoal movida pela intimidade das relações interpessoais. Assim, o rigor metodológico para a composição das amostras históricas é fundamental para o reconhecimento do que corresponde a um traço do vernáculo do PB ou a um traço específico da escrita do informante.

Em virtude de as amostras linguísticas de sincronias passadas serem, muitas vezes, manuscritas, é importante que o linguista-pesquisador identifique concretamente a autoria do documento histórico também a partir do seu traçado. Isso significa detectar se a letra de quem assina o texto é a mesma letra do redator do texto (testemunho autógrafo), se é um punho distinto daquele de quem o assinou (testemunho apógrafo) ou ainda se foi redigido por outra pessoa (testemunho idiógrafo), ainda que sob a supervisão do autor (autoria intelectual). Nesse sentido, os estudos no âmbito da sociolinguística histórica se valem das análises paleográficas, o que representa uma perspectiva de trabalho interdisciplinar para a identificação da autoria dos documentos históricos. Trazemos à cena resultados dos estudos relativos à comunidade linguística e ao indivíduo, na trilha de Rumeu (2013), com base em cartas familiares autógrafas produzidas por indivíduos de uma mesma família brasileira (a família Pedreira Ferraz Magalhães), mais especificamente de uma família carioca que produziu cartas no período de fins do século XIX e 1ª metade do século XX.

A título de exemplificação, observemos, nos trechos da carta do patriarca da família Pedreira Ferraz Magalhães (João Pedreira do Couto Ferraz) a sua filha Zélia, evidências paleográficas de que a letra de quem redige a carta é a mesma de quem a assina, a partir da comparação, por exemplo, do grafema maiúsculo “P” como uma letra pequena (morfologia da letra)<sup>5</sup> cujo traçado mostra-se levemente inclinado, de um modo geral, para a direita (ductus), e principalmente nos itens lexicais “Petropolis”, “Pae” e “Pedreira”.<sup>6</sup>

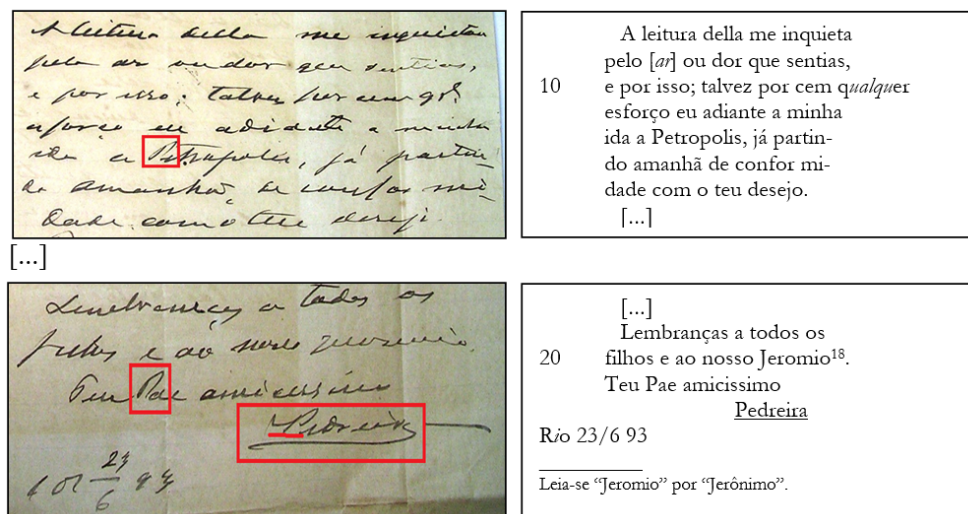
<sup>4</sup> “To arrive at an adequate understanding of the nature of ‘speech’, ‘spoken language’, and/or ‘orality’, it is essential to place these notions into an integral model. Such a model is provided by Koch and Oesterreicher (1985, 1994) and their notion of ‘language of immediacy’ (Sprache der Nähe) vs. ‘language of distance’ (Sprache der Distanz).” (ELSPASS, 2012, p. 157)

<sup>5</sup> A morfologia das letras e o seu traçado (*ductus*) são dois (dentre outros, como ângulo, módulo e o peso do traçado) aspectos paleográficos discutidos por Berwanger e Franklin Leal ([1995] 2008, p. 107).

<sup>6</sup> O redator João Pedreira do Couto Ferraz geralmente assina como “Pedreira”.



**Figura 1** – Trechos do fac-símile de missiva redigida por JPF. RJ, 23.06.1893

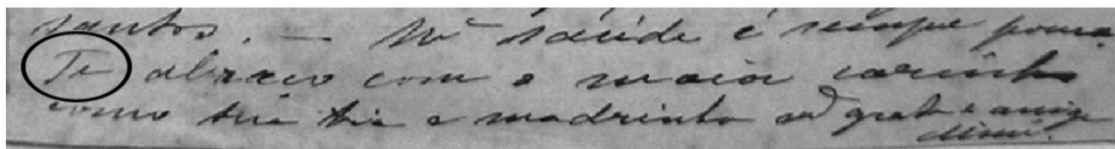


Fonte: Rumeu (2013).

Um outro parâmetro de análise é a questão da autenticidade<sup>7</sup> das amostras históricas (HERNÁNDEZ-CAMPOY, SCHILLING, 2012, p. 162) em relação ao fato de o texto escrito estar mais propenso à expressão da norma-padrão, o que é reforçado pelo fato de os redatores das missivas em análise representarem a elite letrada carioca. Nesse sentido, cumpre atentarmos aos filtros (ROMAINE, 2010 [1982]), ou seja, ao cuidado em separar traços da língua oral que tendam a se misturar com traços da língua escrita (AGUILLAR, 1998) no processo de resgate de reflexos do vernáculo do missivista. Se, por um lado, as missivas familiares dos Pedreira Ferraz-Magalhães expõem o padrão culto em sua expressão escrita, marcado pelo alto nível de escolarização dos missivistas (Secretário do Supremo Tribunal Federal, Engenheiro Civil, religiosos e religiosas que se voltaram, no interior dos mosteiros, ao magistério), por outro, o nível de proximidade dos informantes no interior das redes sociais é nítido, justificando o uso de tais fontes escritas para estudos linguísticos sobre a expressão da norma objetiva do PB (CUNHA, 1995) em sincronias passadas. Para ilustrar, segue um trecho da produção escrita da Viscondessa<sup>8</sup> de Duprat ao seu sobrinho (Figura 2), trecho em que a autora inicia a sentença com pronome oblíquo átono, traço característico do PB. Essas evidências escritas, as mais íntimas possíveis, possibilitam depreender, assim, traços do nosso vernáculo.

**Figura 2** – “(...) Minha saude é sempre pouca. Te abraço com o maior carinho como

tua tia e madrinha muito grata e amiga Mimi” (Carta de Maria Teresa de Jesus Bulhões Pedreira (Viscondessa de Duprat), com 49 anos, ao sobrinho Pe. J., com 31 anos. RJ, 16.10.1912.)



Fonte: Rumeu (2013).

Considerando a atenção do linguista-pesquisador às questões de autoria e autenticidade das amostras históricas, entendemos que a validade social e histórica de uma dada fonte passa pela reconstrução não só da posição social do indivíduo (missivista), mas também da estrutura social da comunidade (LABOV, 1994). O fato de as cartas da família Pedreira Ferraz-Magalhães terem sido produzidas e assinadas (cartas autógrafas) por punhos cariocas e ilustres não só motivou a sua preservação no interior do Arquivo Nacional (RJ), permitindo, pois, a identificação da autoria e da autenticidade das cartas, mas também auxiliou os processos de reconstrução dos perfis sociais dos missivistas e do contexto social do Brasil entre fins do século XIX e 1ª metade do século XX. Uma vez desvendados os perfis sociais dos escreventes e os seus respectivos contextos sociais de produção, assegura-se a validade sócio-histórica das fontes que, conseqüentemente, consubstanciam os resultados das pesquisas linguísticas. Tendo em vista que a expressão objetiva da norma culta escrita do PB foi fixada “à imagem e semelhança” do PE, no Brasil do século XIX (PAGOTTO, 1999; CALLOU, 2008), ratificamos a necessidade de organização de amostras históricas. No caso em questão, são utilizados textos produzidos no período anteriormente citado por informantes identificados em relação à sua origem brasileira e ao seu nível de escolaridade (alto). Assumimos, em diálogo com Barbosa (1999), que os textos de circulação privada, tais como as cartas familiares em análise, seriam mais transparentes no que se refere à pressão prescritivista da norma-padrão, evidenciando uma produção escrita menos “cuidada” à luz da norma subjetiva (CUNHA 1985, p. 52).

## 1.2 A propósito das redes sociais

Considerando a discussão na sociologia e na sociolinguística acerca das repercus-

sões das estruturas das redes sociais no comportamento dos falantes, partimos da ideia de que os falantes, no interior de uma dada comunidade linguística, estabelecem relações com outros falantes, em redes sociais pessoais que, por sua vez, devem ser analisadas quantitativa e qualitativamente. A densidade das redes sociais tende a influenciar no comportamento dos falantes, em relação à atuação e à difusão das mudanças linguísticas. Desse modo, assumimos, em consonância com Conde Silvestre (2007) e Bergs (2012), que as redes sociais podem ser (i) fixas, densas (*close – knit, multiplex nature*) ou (ii) flexíveis, difusas (*loose – knit, uniplex nature*), tal como esquematizado na Figura 3.

**Figura 3** – Redes sociais densas (*close - knit*) e difusas (*loose - knit*), respectivamente



**Fonte:** Conde Silvestre (2007, p. 167).

Nas redes sociais densas, os falantes se conhecem mutuamente e exercem distintos papéis sociais nos âmbitos do trabalho, da vizinhança, da família, dos amigos. Isso quer dizer que a densidade da rede social é marcada pelo fato de uma pessoa atuar, por exemplo, não só como membro de uma dada família, mas também como colega de trabalho das mesmas pessoas com quem já divide laços familiares e também de amizade, confinando o ciclo de relações e de redes sociais sempre às mesmas pessoas. Nessas redes, de natureza multiplexa, o fato de os vínculos serem sempre entre os mesmos indivíduos em distintos âmbitos sociais parece evidenciar tais redes menos permeáveis às mudanças linguísticas, conservadoras em relação às variedades locais. Trata-se de um tipo de rede social que tende a ser mais comum nas comunidades interioranas.

Por outro lado, as redes sociais difusas mostram-se evidentemente mais frouxas. O falante se enquadra em redes sociais diversificadas em relação às pessoas que com ele interagem nos distintos âmbitos, tais como família, vizinhança, amigos, ampliando assim as possibilidades de contatos não só interpessoais, mas também linguísticos. Nessas redes sociais, o fato de a extensão dos contatos ser ampla e difusa, de natureza uniplexa, tende a



propagar a mudança linguística. Mostram-se, pois, como redes mais propícias à inovação linguística, como já observado por Bergs (2012), em relação aos dados da Família Paston. Ao analisar a produção escrita dos irmãos John II e John III (Família Paston), Bergs (2012) observou a preferência de John II pelas novas formas pronominais *them* e *their* no lugar de *hem* e *here*. A hipótese para o inovadorismo linguístico das cartas de John II é o fato de suas redes terem se mostrado menos densas, já que atraem mais vínculos sociais, em função também do seu histórico de viagens constantes. As redes sociais difusas são comuns nos contextos dos grandes centros urbanos, em que normalmente observamos a atuação dos indivíduos em constante mobilidade interna e externa ao seu país de origem, promovendo o contato com um maior número de pessoas (CONDE SILVESTRE, HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2004, 2005). Por outro lado, o seu irmão, John III, permaneceu em casa, atuando como secretário da sua mãe e, mesmo ao casar-se, continuou em Norwich, mantendo uma vida estável em termos de locomoções, conseqüentemente, em redes sociais mais fixas.

## 2 ANÁLISE DOS DADOS

Para o estudo da comunidade, utilizamos os dados levantados por Rumeu (2013) em uma sub-amostra equilibrada de 30 missivas cariocas, a partir de um total de 170 cartas, produzidas entre membros da família Pedreira Ferraz-Magalhães no período de 1877 e 1948. Essa sub-amostra leva em conta as variáveis faixa etária, gênero e época em que o texto foi escrito (Quadro 1). De um modo geral, trata-se de missivas que expõem a intimidade de brasileiros letrados, em intercâmbios comunicativos de informalidade, caracterizados pela aproximação afetiva entre remetente e destinatário. A correspondência retrata aspectos rotineiros da vida cotidiana de religiosos em missões católicas, tornando esse material *sui generis* para o reconhecimento da história da vida privada de uma família brasileira que circulou da capital carioca para o interior do Rio de Janeiro e por outros espaços sócio-geográficos dentro e fora do Brasil.

**Quadro 1** – Distribuição de trinta cartas familiares (C1, C2, C3... C30) dos Pedreira Ferraz-Magalhães em relação à faixa etária dos missivistas e às fases A (1877-1897), B (1898-1923) e C (1924-1948) que embasaram o estudo de tendência

FAIXA ETÁRIA DOS MISSIVISTAS	FASE A		FASE B		FASE C	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER

JOVEM (14-30 ANOS – FAIXA 1)	-	-	C19	C13 C14 C18	-	-
ADULTO (31-50 ANOS – FAIXA 2)	C4 C5	-	C20	C15 C16 C17	C29 C30	C23 C24 C26 C27
IDOSO (MAIS DE 50 ANOS – FAIXA 3)	-	C1 C2 C3	C6 C7	C8 C9 C10 C11 C12	-	C21 C22 C25 C28
TOTAL	02	03	04	11	02	08
	05		15		10	
	30 CARTAS					

Fonte: Rumeu (2013, p. 124).

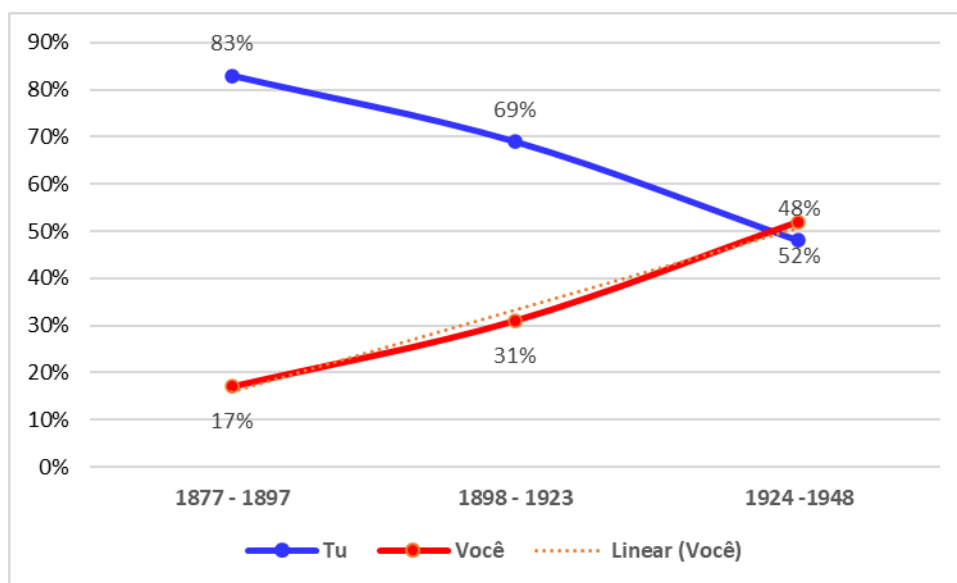
Para o estudo do indivíduo, selecionamos, como já referido, duas missivistas (MJ e MR), que apresentam comportamentos distintos em relação à dinâmica *tu / você*. Ainda que ambas tenham assumido o *você*, em sua trajetória de produção textual (juventude, adulez e velhice), é possível verificar que a implementação da forma pronominal não se deu no mesmo ritmo. Em um primeiro momento (item 2.1), analisamos o perfil da comunidade, nos séculos XIX e XX e, em seguida, partimos para a discussão dos perfis de cada uma das missivistas (item 2.2).

### 2.1 Estudo de tendência (comunidade)

O Gráfico 1 evidencia a variação de uso entre as formas *tu* e *você* e permite observar a distribuição das formas pronominais (138 ocorrências) por caminhos opostos: o *tu*, no sentido da retração, e o *você*, no da implementação.

**Gráfico 1** – As formas *tu* e *você* na produção escrita

da família Pedreira Ferraz-Magalhães: de 1877 a 1948



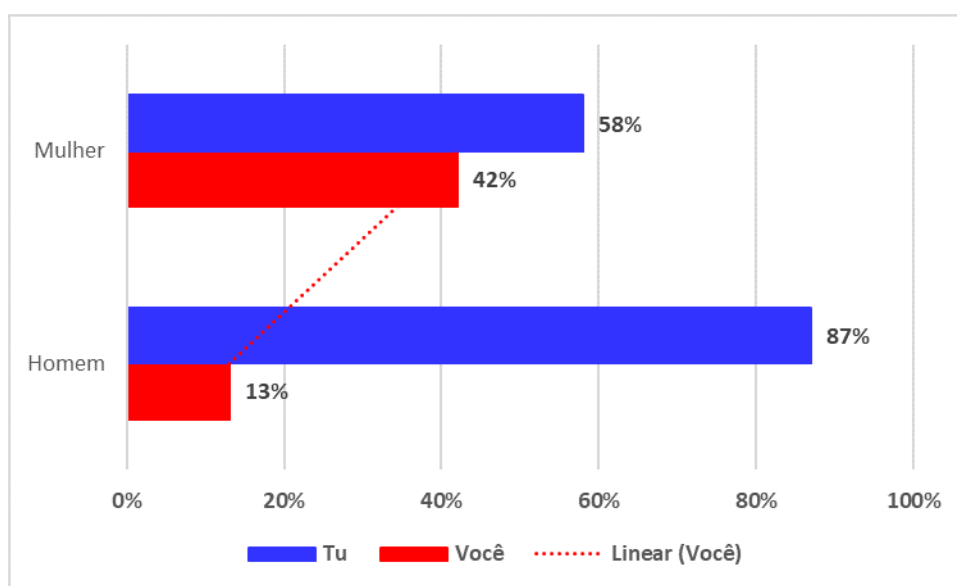
Fonte: Adaptado de Rumeu (2012, p. 45).

Nessas cartas cariocas, no período que vai de 1877 a 1897, registramos tímidas evidências do *você* tão somente em 17% dos dados (5/29), em oposição ao *tu*, que prevalece: 83% das ocorrências (24/29). Entre 1898 e 1923, há um avanço gradual do *você* (31% = 25/80) *pari passu* o decréscimo do *tu* (69% = 55/80). Já no período de 1924 a 1948, o *tu* e o *você* apresentam praticamente as mesmas frequências de uso: 48% (14/29) *versus* 52% (15/29), respectivamente. Em síntese, observamos dois fatos que se destacam: (1) nos oitocentos, o subsistema pronominal é o mesmo que prevalece nos dias atuais no espaço geográfico do Rio de Janeiro: variação *tu ~ você* (LOPES, CAVALCANTE, 2011); (2) é só entre o final dos oitocentos e primeira metade dos noventa (1877 a 1948) que registramos a produtividade crescente de *você* nas cartas cariocas, confirmando o processo gradual de mudança linguística.

No que se refere à variável gênero (sexo), é possível depreender (Gráfico 2) que o *tu* prevalece como expressão do comportamento linguístico da comunidade carioca, com índices de frequência altos, em oposição ao *você*, em homens (87%) e em mulheres (58%). Esses resultados relativos ao período de 1877 a 1948 vão ao encontro do observado por Scherre e Yacovenco (2011, p. 139), de “as mulheres estarem à frente” nos processos de mudança com consciência social (*change from above*) em fenômenos socialmente menos marcados, como é o caso da forma pronominal *você*. A questão de as mulheres

darem preferência à forma mais inovadora, mas, ao mesmo tempo, indicativa de maior distanciamento social (*vossa mercê* → *você*), poderia ter relação com o fato de, naquela época, a mulher estar subordinada a uma estrutura patriarcal mais rígida até o século XIX (SAMARA, 2004).

**Gráfico 2** – As formas *tu* e *você* na escrita dos homens e mulheres cariocas da família Pedreira Ferraz-Magalhães



Fonte: Adaptado de Rumeu (2012, p. 50).

## 2.2 Estudo de painel (indivíduo)

Para o estudo de painel, observamos duas missivistas (MJ e MR) nascidas, respectivamente, em 1886 e 1878. Ambas tiveram a mesma orientação educacional, em um primeiro momento, em casa, onde aprenderam, através da própria mãe, a ler e escrever, as ciências e uma segunda língua, como o inglês e, em um segundo momento, no Instituto Santa Doroteia (Friburgo, RJ). Ingressaram na vida religiosa através da Congregação Santa Doroteia e do Convento Bom Pastor e depois seguiram caminhos distintos: uma permaneceu sempre no Brasil e a outra se deslocou, muitas vezes, para outros países e, conseqüentemente, ampliou suas redes sociais.

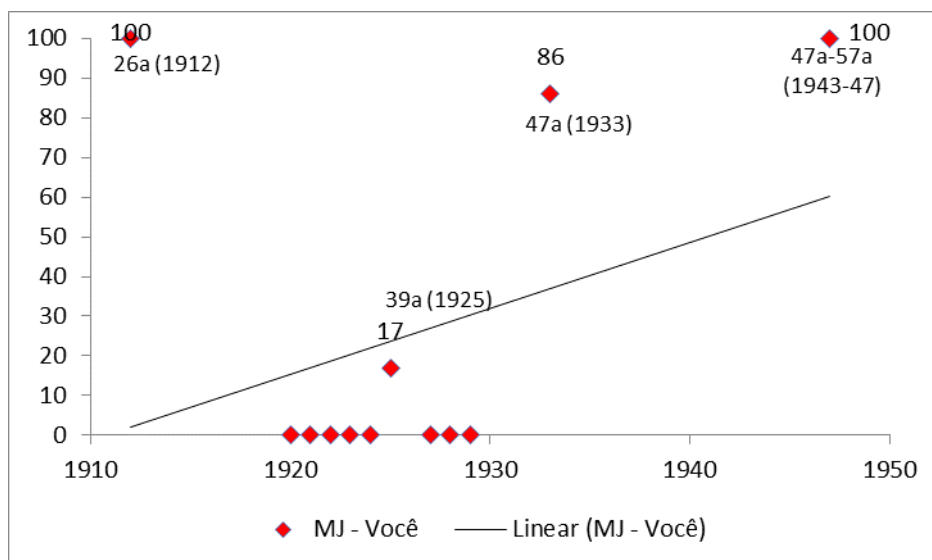
Analisamos 33 cartas da missivista MJ, produzidas no Brasil entre 1912 e 1947, com um total de 195 ocorrências. Trata-se de uma produção escrita que recobre o perfil linguístico de três fases da vida da informante: como uma missivista jovem (em 1912),

adulta (1917-1933) e idosa (1943-1947). Nessa amostra de cartas, a missivista MJ escreve aos seus irmãos (ao jovem F., à adulta ME, ao adulto e depois idoso Padre J. e a um irmão não identificado), em distintos estados do Brasil (Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro). Nessas 33 cartas de MJ, foram levantadas ocorrências de formas pronominais de 2SG nas quais se dá, de modo geral, a preferência pelo *tu* em 72% dos dados (140/195), ficando o *você* restrito a 28% dos dados (55/195).

Da missivista MR, analisamos 16 cartas produzidas no período de 1908 a 1948, com um total de 88 ocorrências. Essas cartas foram dirigidas aos irmãos F. (jovem), J. (jovem, adulto e idoso), ME (adulta), MJ (adulta) no decorrer da sua vida: juventude (em 1908), adulez (1911-1928) e velhice (1931-1948). Há um maior equilíbrio entre o uso das formas *tu* e *você*, comprovado pelos índices percentuais de 41% (36/88) e 59% (52/88), respectivamente. Ao redigir essas cartas, a missivista MR estava fora do Brasil, em países de língua espanhola, tais como a Espanha (Córdoba), a Argentina (La Plata, Buenos Aires) e o Uruguai (Montevidéu).

Nos Gráficos de dispersão 3 e 4, é possível observar mais claramente o comportamento individual das duas missivistas (MJ e MR) em relação ao uso do *você* no decorrer da vida.

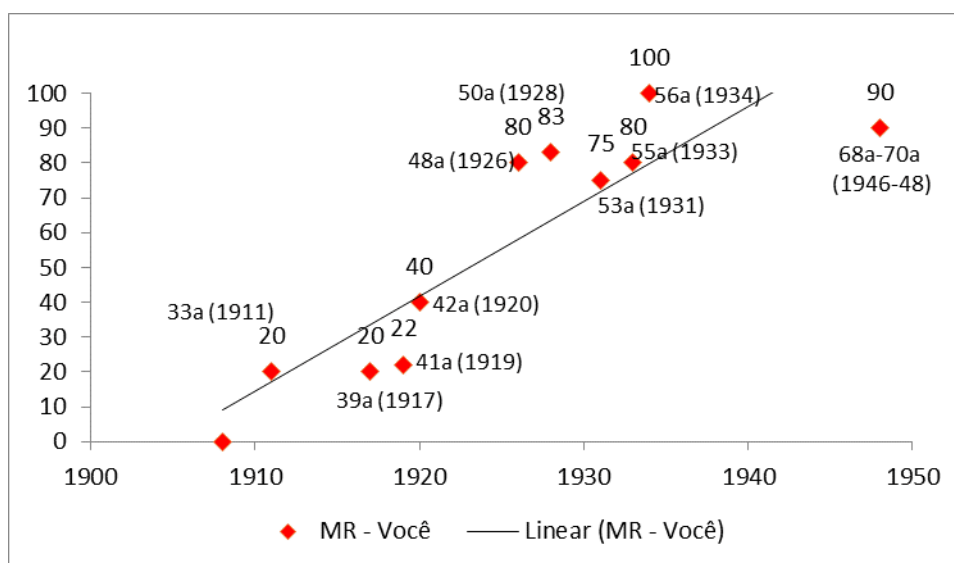
**Gráfico 3 – Ocorrências de *você* em MJ (1912-1947)**



Fonte: Elaborado pelas autoras.



**Gráfico 4** – Ocorrências de *você* em MR (1908-1948)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

MJ faz uso categórico do *você* ao escrever aos irmãos na juventude (1912 – com 26 anos) e na velhice, período em que houve o incremento dos índices percentuais, passando de 86% a 100% nas cartas que vão de 1933 a 1947, quando já tinha 57 anos. Na fase intermediária, adulta, a missivista apresentou comportamento distinto, optando por tratar os irmãos por *tu*. Tal mudança de comportamento, ao trocar de faixa etária, evidencia o perfil de instabilidade da informante em relação ao uso das formas pronominais *tu* e *você*, ainda que a tendência siga na direção do *você*. Nos exemplos de (01) a (03), trazemos algumas evidências do uso dos pronomes-sujeito *tu* e *você* na produção escrita de MJ nas três fases: juventude, adultez e velhice.

- (01) “[...] Então, como se decidiu logo a sua partida! irá até ao Pará? Eu escrevo a Isa, pelas Irmãs nossas que vão no mesmo vapor que *Você* e das quaes uma vae até ao Pará. Peço a Nosso Senhor que *Você* faça muito boa viagem ... poderá celebrar a bordo? [...]” (MJ, com 26 anos, ao irmão. 16.01.1912.)
- (02) “[...] Imagino como *estás* zangadinho com tua Jane... que, nem signal deu do recebimento de tua carta [...] e peço te de uma vez para sempre que não *exijas* mais frequencia em minhas cartas... pois attendo a mil pequenas cousas aqui alem das aulas. [...] Assim meu irmão querido, acho uma tollice enviar agora em dinheiro... *Você* arranje seu negocio com Tio Janio. [...]” (MJ, com 39 anos, a J., com 44 anos. São Luiz, 12.04.1925.)

- (03) “[...] Bem, meu irmão, gostaria que *Você* me escrevesse 1 vez por mês, agora que o podemos fazer confidencialmente, aceita? – Qualquer coisa a Provincial resolva sobre mim, *Você* saberá logo.” (MJ, com 60 anos, ao irmão Pe. J., com 65 anos. Bahia, 18.08.1946.)

A análise do desempenho linguístico da missivista MR por um período de 40 anos (Gráfico 4) torna evidente o uso crescente da forma *você* e a retração do *tu*. A missivista MR, de 1908 a 1920, isto é, entre os seus 30 e 42 anos, faz uso de *tu*, como ilustrado no exemplo (04). Ao entrar na fase adulta e depois na velhice, exemplos (05) e (06), constatamos que a missivista tende a implementar, gradual e paulatinamente, o *você*, como se pode verificar pelos índices percentuais expostos no Gráfico 4: 80% (1926, com 48 anos) → 83% (1928, com 50 anos) → 75% (1931, com 53 anos) → 80% (1933, com 55 anos) → 100% (1934, com 56 anos) → 90% (1946-1948, entre os seus 68 e 70 anos).

- (04) “[...] Graças à Deus que aqui achei à N. Madre Assumpção que *Você* conhece seu coração, porem quando possa ofereça uma Missa por mim preciso muito” (MR, com 39 anos, ao irmão Pe. J., com 36 anos. Montevideú, Uruguai, 16.02.1926.)
- (05) “[...] Não te *imaginas* como me deu gosto praser saber, que *você* o filhinho querido recebeu a Santa Communhão com Mamãe n’um dia tão grande como o 22 de janeiro. [...]” (MR, com 41 anos, ao irmão F., com 26 anos. Montevideú, Uruguai, 04.03.1919.)
- (06) “[...] Quando acabaram as hostias que *Você* consagrou, não pude deixar de chorar - por ahi *Você* vê minha amizade por meu irmão. [...]” (MR, com 70 anos, ao irmão J., com 67 anos. La Plata, Argentina, 01.02.1948.)

Considerando que MJ se mantém no Brasil por mais tempo que MR, que, por sua vez, produz suas cartas tão somente em países de língua espanhola, entendemos que, enquanto esta missivista construiu redes sociais flexíveis, mantendo-se em viagens ao exterior, aquela, por outro lado, consolidou redes sociais densas, ao permanecer no país. Através das escolhas pronominais de MJ e MR, é possível confirmar a hipótese de que as redes sociais das missivistas, redes densas ou difusas (flexíveis), respectivamente, pa-

recem se refletir na velocidade de implementação do *você*. A missivista MJ preferiu tratar os seus irmãos, em dezesseis dos trinta e cinco anos da sua vida, na maior parte do tempo, por *tu*, assumindo o inovador *você* a partir de 1933 (já com 47 anos), até alcançar a velhice, entre 1943-1947. Considerando que toda a produção textual de MJ deu-se tão somente pelos estados brasileiros, temos em cena as condições propícias, pois, à interpretação de que a opção pelo *tu*, por um período maior da sua vida, tenha sido motivada pelas redes sociais densas que permeiam sua vida. Em um caminho oposto, temos a missivista MR, cuja opção foi tratar os irmãos por *você* em um período de 22 anos (nos 40 anos de produção textual analisada), ou seja, na maior parte do tempo. A preferência pelo *você* para se referir aos irmãos pode ter sido motivada por suas redes sociais flexíveis, já que viajou constantemente por países de língua espanhola. Isso quer dizer que MR, ao contrário de MJ, ampliou o seu leque de relacionamentos sociais ao se deslocar para o exterior. E essa ampliação de redes sociais deu-se por espaços geográficos em que as comunidades linguísticas (Uruguai, Argentina e Espanha) são de falantes do espanhol, língua em que a forma *usted*, assim como o nosso *você*, também se gramaticalizou (*vuestra merced* → *usted*, *vossa mercê* → *você*) e, ainda, atingiu o estágio final do seu processo de mudança categorial mais cedo (séculos XVII-XVIII) do que em português (séculos XVIII-XIX), fato já discutido por Lopes (2002). Nesse sentido, entendemos que a convivência de MR com o espanhol e, certamente, com o já gramaticalizado *usted*, possa ter acelerado a produtividade do inovador *você* nas cartas aos seus irmãos.

### **Considerações finais**

A análise das cartas dá conta da inserção do *você* no sistema pronominal e a consequente retração do *tu*, no decorrer dos séculos XIX e XX. Nos dias atuais, o pronome *tu* ainda é predominante em algumas regiões do país, mas seguido do verbo na 3ª pessoa do singular (SCHERRE et al., 2009 [2015]), pelo menos, no uso oral. Os dados mostram, no período em pauta, essa tendência de mudança com padrões distintos de uso do pronome *você*: para MJ, um padrão curvilíneo – uso de *você* na juventude, de *tu* na fase adulta e, de novo, *você*, na velhice; para MR, um padrão linear – a chamada curva em “S” – na direção da implementação do *você* no decorrer do tempo.

A hipótese de o ritmo de implementação do *você* estar vinculado às redes sociais de cada uma das missivistas parece válida, uma vez que, enquanto MJ se mantém em redes sociais densas, comprovadas por seus deslocamentos por estados brasileiros (Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro), MR amplia as suas redes sociais

(redes difusas), por ter se movimentado, ao longo da vida, muito mais pelo Exterior. Na verdade, o trânsito de MR por países de língua espanhola, em intenso contato com o já gramaticalizado *usted*, pode ter conferido celeridade ao processo de implementação de uso do nosso *você*. Assim, a noção de redes sociais se mantém vigorosa, ao lado de variáveis tradicionais de gênero, faixa etária e nível de escolarização, como já atestado nos estudos de Bergs e Schenk (2004), Freeman (2004) e Bergs (2005), inspirados em Milroy (1980, 1987). Em síntese, parece confirmar-se a hipótese de as redes sociais densas e difusas tenderem a influenciar o ritmo da implementação de fenômenos de mudança linguística, conforme assinalado por Bergs (2012; 2005) e Conde Silvestre (2007).

Para finalizar, cabe lembrar a observação de Mufwene (2017)<sup>9</sup> de que as línguas viajam como aqueles que se movem, evidenciando diferentes tipos de evolução, de mudança estrutural, motivadas por ou independentes de contato linguístico.

## Referências

- AGUILLAR, R. C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI. In: OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (Ed.). *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Tübingen: Narr, 1998. p. 219-242.
- BARBOSA, A. G. *Para uma História do Português Colonial: aspectos linguísticos em Cartas de Comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- BERGS, A. The Uniformitarian Principle and the Risk of Anachronisms in Language and Social History. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE SILVESTRE, J. C. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 80-98.
- BERGS, A. *Social Network Analysis and Historical Sociolinguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- BERGS, A.; SCHENK, M. Network. In AMMON, U. et al. *Soziolinguistik. Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 438-43.
- BERWANGER, A. R.; FRANKLIN LEAL, J. E. *Noções de paleografia e diplomática*. Santa Maria: Ed. UFSM; 2008 [1995].
- BUENO, A. H. C.; BARATA, C. E. A. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. São Paulo: Editora Nova Página, 2001. Tomos I e II.
- CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*,

<sup>9</sup> “[...] Languages travel with those who move, experiencing different kinds of evolutions: structural change, speciation caused by or independent of language contact [...]” (MUFWENE, 2017, p. 411.)

Niterói, n. 36, p. 57-73, 2008.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos. 2007.

CONDE SILVESTRE, J. C.; HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. A sociolinguistic approach to the diffusion of Chancery written practices in late fifteenth century private correspondence. *Neuphilologische Mitteilungen*, n. 105, v. 2, p. 135-52, 2004.

CONDE SILVESTRE, J. C.; HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. Sociolinguistic and geolinguistic approaches to the historical diffusion of linguistic innovations: incipient standardization. *International Journal of English Studies, Murcia*, v. 5, n. 1, p. 101-34, 2005.

CUNHA, C. *A Questão da Norma culta*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

CHAVES, E. *A implementação do pronome Você: a contribuição de pistas gráficas*. 2006. *Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.*

ELSPASS, S. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE SILVESTRE, J. C. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2012. p. 156-169.

FARACO, C. A. O tratamento *Você em português: uma abordagem histórica*. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

FREEMAN, L. *The Development of Social Network Analysis: a Study in the Sociology of Science*. Vancouver: Empirical Press, 2004.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch*, n. 36, p. 15-43, 1985.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Schriftlichkeit und Sprache. In: GÜNTHER, H.; LUDWIG, O. *Writing and Its Use. An Interdisciplinary Handbook of International Research*, Berlin: Mouton de Gruyter, 1994. v. 1. p. 587-604.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LOPES, C. R. S. et al. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do Português Brasileiro: a posição de sujeito. In: LOPES, C. R. S.; CASTILHO, A. T. (org.). *História do Português Brasileiro – Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 24-141.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*, v. 25, p. 30-65, jun./ 2011.

LOPES, C. R. S. et al. Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. *Processos urbanos I: variação linguística em megalópoles latino-americanas*, *Neue Romania*, n. 39, p. 49-66, 2009.



LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, C. R. S. *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 45-66.

LOPES, C. R. S. Vossa mercê > você e vuestra merced > usted: o percurso evolutivo ibérico. *Linguística*, São Paulo, v. 14, p. 173-190, 2002.

MACHADO, A. C. M. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARCOTULIO, L. L.; SILVA, P. F.; LOPES, C. R. S. A norma brasileira em construção: a variação entre tu e você no início do século XX. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da AILP, Rio de Janeiro, 2007.

MILROY, L. *Language and Social Networks*. New York: Blackwell, Oxford. 1980/1987.

MUFWENE, S. S. Population Movements, Language Contact, Linguistic Diversity, Etc. A postscript. In: ALBAUGH, E. A.; LUNA, K. M. *Tracing Language Movement in Africa*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 387- 414.

PAGOTTO, E. G. *Norma e condescendência: ciência e pureza*. Línguas e Instrumentos linguísticos. São Paulo: Pontes, 1999. v. 2. p. 49-68.

PEREIRA, R. O. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PEDREIRA DE CASTRO, J. Zélia, ou, Irmã Maria do SS. *Sacramento: vida exemplar de uma mãe cristã, que terminou seus dias junto a Jesus Sacramentado*. Petrópolis: Editora Vozes, 1960.

ROMAINE, S. *Socio-Historical Linguistics: It's Status and Methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [1982].

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome Você no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

RUMEU, M. C. B. Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. *Veredas – revista de estudos linguísticos*, v. 16, p. 36-55, 2012.

RUMEU, M. C. B. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

SAMARA, E. M. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.;

ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015 [2009]. p.133-172.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, n. Especial, 2011. p. 121-146.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.



Data de submissão: 10/07/2020

Data de aceite: 05/12/2020